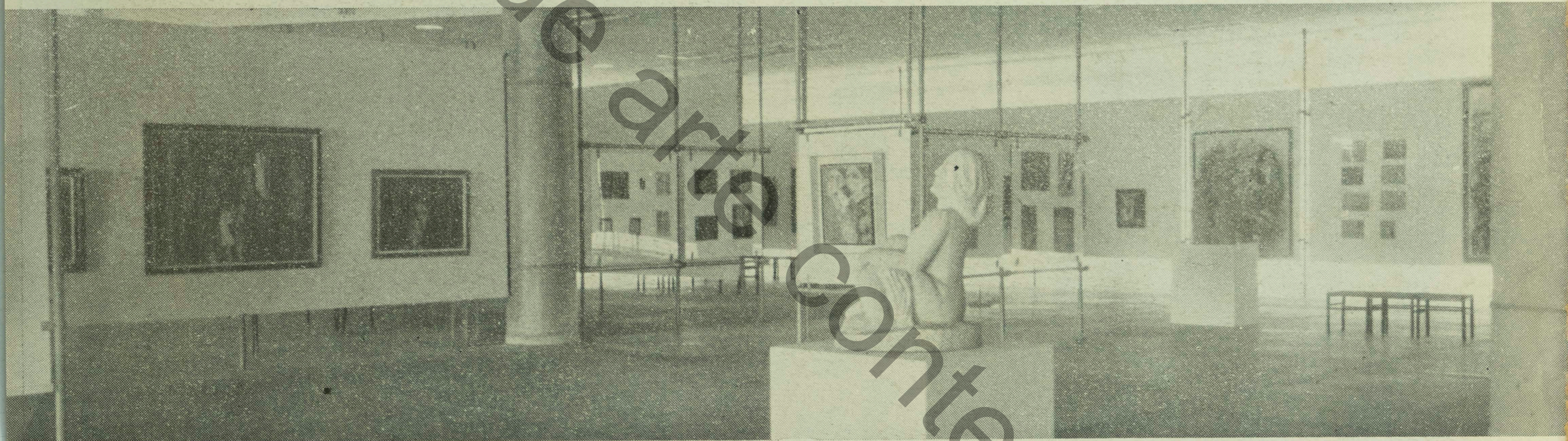


ALGUMAS NOTAS SÔBRE A SECÇÃO BRASILEIRA DA IV BIENAL

O Brasil dedica, nesta IV Bienal, uma sala especial ao pintor Lasar Segall (1891-1957), falecido em agosto último em São Paulo. Parece-nos justa essa homenagem a um artista que, radicado no Brasil, aqui executou grande parte de sua obra, participando ativamente do seu movimento artístico. Sendo um dos poucos pintores de valor de sua época, no Brasil, torna-se evidente que Segall fosse encarado muitas vezes sem a devida objetividade, pois alimentou por bastante tempo as necessidades artísticas de grupos intelectuais, público e artistas que, naturalmente, sentiam por êle admiração, devoção e gratidão. Na maioria das publicações sôbre a sua sala especial se sublinha em geral a unidade de sua obra. De fato, Lasar Segall não deu pulos malabarísticos e espetaculares para ganhar de um dia para outro as aparências das últimas novidades da moda. Nesta exposição — aliás, excelentemente organizada — vê-se com nitidez o sistemático desenvolvimento do artista. Mas isso não significa que êle não tenha os seus altos e baixos, as suas virtudes e fraquezas, que deveriam uma vez por tôdas ser apontadas objetivamente, pondo-se de lado os excessivos sentimentalismos dos admiradores que, se justificáveis em tempos passados, hoje em dia são totalmente anacrônicos. Uma inata sensibilidade e finura



Grupo parado (detalhe)



feminina de temperamento, uma tendência a um lirismo quieto que não gasta dramaticidades declamatórias, e uma sensibilidade amorosa e cutânea que tende a uma manifestação carinhosa e íntima, oposta às manifestações festivas e decorativas, são características constantes da personalidade artística de Segall, que penetram na sua obra em graus diferentes nas diversas épocas. Fora desta constante temperamental, a obra de Segall é um produto do tempo e ambiente cujo impacto se vê nitidamente nas várias tentativas das fases do pintor. Nota-se, por exemplo, em sua fase impressionista, a tendência a um lirismo de cromatismos suaves, equilibrados com requinte, nos contrastes (**Menino na floresta, Leitura**); já na expressionista alemã, as oscilações, as tentativas diversas se multiplicam. É esta a que consideramos mais frutífera e realizada. Apesar das várias influências e experimentações, ele aí consegue as obras mais realizadas de toda a sua produção. Datam de então belíssimos retratos (6b, 6c e 6e), nos quais uma certa tendência intencional ao infantil e primitivo na concepção e execução, atingem pela economia de meios e os recursos plásticos por êle utilizados, simplicidade e pureza de expressão. Em **Aldeia Russa e Duas Amigas** de 1912-13, percebe-se já a influência do cubismo, que êle explora a seu modo para aumentar a expressividade, usando até, audaciosamente, fortes contrastes cromáticos. Mais tarde, os impactos, oscilações e experimentações se multiplicam, talvez



Floresta